

VALENTINA: UMA EDUCADORA INFAME NO CONTEXTO DA CULTURA DE RUA

PATRÍCIA LIMA FREIRE

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará. Atua como bolsista PIBIC CNPq.

E-mail: paztyfreire@gmail.com

CAMILA SARAIVA DE MATOS

Doutoranda em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Bolsista Capes.

E-mail: camilasaraiva28@hotmail.com

JOSÉ GERARDO VASCONCELOS

Professor Titular de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará. Possui Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (1988), Bacharelado em Filosofia Política pela Universidade Estadual do Ceará (1989), Especialização em Filosofia Política pela Universidade Estadual do Ceará (1990), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1993), Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1997), Pós-Doutorado em Artes Cênicas, pela Escola de Teatro, da Universidade Federal da Bahia (2002), Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2011 - 2012), Pós-Doutorado em História da Educação pelo Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2015 - 2016). Tutor do PET Pedagogia da UFC (2010-2015). É líder do Grupo de Pesquisa de História e Memória da Educação do CNPq - NHIME. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, História da Educação e Antropologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Filosofia da Educação Contemporânea (Nietzsche e Foucault) e História e Memória da Educação (Biografias de Educadores do século XX e XXI/ Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto do pós-1964) e Antropologia da Educação (disciplinamento do corpo, sexualidade, práticas de escrita na cadeia e cultura negra/capoeira).

E-mail: gerardo.vasconcelos@bol.com.br

*Pra matar a fome, o homem mata um leão por dia
Por muito menos mata um homem¹*

Notas Introdutórias

O presente trabalho pretende registrar as práticas educativas informais e as estratégias de sobrevivência desenvolvidas por pessoas como Valentina² no contexto da população em situação de rua. Tomando como referência as vivências e histórias infames da biografada que, ao longo dos anos, usa as ruas do Centro de Fortaleza como lugar de moradia, construindo códigos morais e estratégias de sobrevivência e socialização com os demais “indivíduos que por ali circulam numa ciranda de alternativas precárias.” (VIEIRA, 1992).

A metodologia adotada seguiu os critérios de uma abordagem qualitativa, utilizamos técnicas de observação direta, entrevista semiestruturada e análise de narrativas colhidas por meio da história oral.

Nesse artigo, trouxemos à tona retalhos da história de vida de uma educadora infame que consegue desenvolver práticas educativas no submundo do Centro de Fortaleza. No entanto, apresentaremos o perfil da população em situação de rua como forma de situar a discussão em torno dos processos educativos em meio as situações mais hostis que um ser humano é capaz de enfrentar, só para garantir o seu existir.

¹ Trecho da música “Cabidela” do “Seu Pereira e coletivo 401”

² Valentina: Pseudônimo utilizado para proteger a identidade da pesquisada, assim como os demais personagens que aparecerão no decorrer do texto.

Valentina: uma Educadora Infame Forjada na Rua

Valentina, “bicho solto³” no meio das ruas do Centro de Fortaleza, aparenta ter aproximadamente 30 anos, mas só possui 26, seu rosto é marcado pelas mazelas do uso abusivo de entorpecentes e das noites maldormidas ao relento em cima dos pedaços de caixas de papelão encontradas no lixo das calçadas depois do expediente comercial, corpo mirrado e com profundas cicatrizes, causadas por golpes de punhal que quase a levaram à morte. Ela está sempre modificando as cores do cabelo para dificultar sua identificação pela polícia e inimigos, veste-se geralmente com camiseta e short, os pés são calçados por sandálias japonesas, facilmente abandonadas na hora da fuga. O olhar forte e destemido forjado durante suas passagens pelo cárcere esconde uma mulher sensível e afetuosa que eu só pude descobrir após superar o medo que ela me causava. Valentina carrega sempre em seus braços seu filho, o pequeno Jonas que foi gestado e veio a nascer na sua última passagem pelo presídio feminino; na cintura, sua “highlander⁴”, indispensável para garantir-lhe segurança e seu posto de liderança. Sua transição entre as ruas e a cadeia lhe rendeu múltiplos saberes relevantes na arte de viver, o saber-fazer, as atitudes nos processos de escolha e decisão, o uso do poder na solução dos casos de justiça popular, dentre tantas outras formas que dinamizam as trajetórias coletivas e individuais me levaram a percebê-la como educadora infame.

Considero o termo educadora infame, partindo da conceituação de Lobo (2008), sobre as “existências infames”. Segundo a autora, existências infames são sujeitos invisíveis, sem nenhum feito de glória, sem nenhuma fama. Ninguém

³ Bicho solto: Pessoa que quando está solta é um bicho, transgressora.

⁴ Highlander: faca de grande porte com dois gumes.

registra seus feitos por não considerá-los importantes dentro dos processos educativos, tratando-se das modestas existências, tão fragilizadas que passam pela vida sem deixar rastros. Por essa razão, elegi Valentina como educadora infame, devido suas estratégias educativas que nunca ganharam relevo social.

Uma das práticas mais frequentes desenvolvida pela protagonista é a divisão dos alimentos que cotidianamente são mangueados⁵ nos restaurantes e lanchonetes no final do expediente. As sobras de comida são despejadas em um saco plástico, formando uma mistura e entregue para ser levada a um determinado grupo, em seguida é despejada por Valentina sobre um pedaço de papelão colocado ao chão que mete as mãos na tentativa de separar alguns pedaços de frutas, verduras, legumes, macarrão e carnes no intuito de realizar uma partilha igualitária. Os indivíduos se aproximam formando uma espécie de círculo, prioritariamente as mulheres e crianças são servidas em potes de sorvetes, caso não possuam vasilhames, utilizam pequenos pedaços de papelão como pratos e as mãos como talheres e, posteriormente, os homens recebem sua parte dos alimentos e vão sentar-se ao chão para comer; durante a refeição eles dialogam sobre o sabor dos alimentos, a quantidade recebida, como conseguiram “manguear” e a receptividade dos comerciantes. O primeiro a terminar de comer sai em busca de água, levando consigo uma ou duas garrafas descartáveis, frequentemente enchidas nos bebedouros de supermercados e pontos comerciais. Toda essa organização é mantida por ela, no intuito de manter a ordem estabelecida dentro dos códigos morais que constituem a cultura de rua. Embora algumas vezes Valentina precise impor sua autoridade para garantir que o conjunto de regras e sanções seja mantido na hora da partilha dos bens dentro do grupo, costumeiramente é questionada

⁵ Manguear: Ato realizado por pedintes no intuito de ganhar esmolas.

por pessoas recém-chegadas nas ruas, mas que passam a adquirir paulatinamente os hábitos e costumes do meio em que vivem adaptando-se as novas estratégias de sobrevivência.

O uso da justiça popular garante a sobrevivência dos indivíduos que estão inseridos na cultura de rua, esta é constituída por um conjunto de regras e punições em que ninguém escapa do julgamento, bem como outras pessoas, Valentina julga com severidade uma boca de prata⁶ que ficou testando o sujeito⁷. Era fim de tarde no Centro de Convivência para população em situação de rua, local onde eu estava trabalhando como educadora social há pouco mais de um mês, quando me aproximei de um grupo de mulheres indignadas trocando ideias⁸ com Valentina que logo me passa a visão⁹:

Ei Patrícia, tu mete fé¹⁰ que o Lucas ía passando, aí uma rapariga agarrou ele e chamou ele de gostoso? Eu vinha atrás dele e eu atravessei¹¹ ela, aí ela correu, mas a gente vai se bater¹² por aí, querendo meu macho? Ei Patrícia, eu mato ó, num desacredita não, vou cobrar sabe? Hoje ainda, mete fé? (Valentina)

Enquanto conversávamos somos interrompidas por um usuário¹³ do equipamento¹⁴ que passa a fita¹⁵ para Valentina,

⁶ Boca de prata: na gíria das ruas é o indivíduo responsável pela transgressão da fidelidade conjugal.

⁷ Testar o sujeito: Afrontar.

⁸ Trocar ideia: Dialogar.

⁹ Passar a visão: avisar, alertar.

¹⁰ Meter fé: Acreditar.

¹¹ Atravessar: Desferir golpes de faca.

¹² Se bater: Se encontrar

¹³ Usuário: Sujeito de Direitos e público da Política Nacional de Assistência Social – PNAS.

¹⁴ Equipamento: São instalações utilizadas como centros de acolhimento e de residência temporária.

¹⁵ Passar a fita: informar.

informando o paradeiro da acusada, depressa ela coloca a highlander na cintura e corre em direção ao Parque das Crianças para saciar uma vingança pessoal. Algumas pessoas a seguiram para assistir a cobrança¹⁶. Eu não poderia interferir nas decisões do grupo, nem tampouco acompanhá-la para tentar intervir, na rua a regra é clara: “o certo pelo certo, o errado é cobrado”.

Continuo meu expediente de trabalho no Centro de Convivência, já é quase noite, alguns usuários estavam tomando banho, posteriormente aguardariam a distribuição do jantar. De repente, Valentina entra no equipamento correndo desesperada, percebo que ela mudou de roupa, está vestida com um uniforme de futebol, essa não era sua roupa quando saíra em busca da rival, observo-a entregar rapidamente a highlander à Eloá (usuária do equipamento) que estava entrando no banheiro feminino. Segundos depois, vi um clarão de luzes vermelhas na porta do centro de convivência, era o giroflex da viatura de polícia, imediatamente descem dois policiais e invadem o espaço da convivência, ambos com as armas em punho procurando por Valentina. Somente nesse momento compreendo que se tratava de uma perseguição policial, ela já havia retirado o uniforme de futebol ficando com uma camiseta regata que estava por baixo do disfarce, na tentativa de não ser identificada em meio as outras mulheres e abordada na frente dos profissionais do equipamento e usuários que aguardavam pelo jantar.

Porém, o policial nomeado pelas pessoas em situação de rua como “tenente”, de forma insipiente, puxa Valentina pelos cabelos e pergunta pela faca, ela afirma não ter faca alguma e alega ser menor de idade. Tentamos dialogar com o policial, enquanto Valentina retira alguns objetos de higiene pessoal

¹⁶Cobrança: Vingança.

de sua mochila largada no chão e entra no banheiro feminino logo a sua frente. Os policiais continuam as buscas pelo salão, abrem todas as mochilas e sacolas dos usuários, afastam móveis enquanto ameaçam verbalmente de espancá-la caso encontre a arma.

O clima está tenso, tomado por um silêncio apavorante, olhares temerosos se cruzam entre os indivíduos, nessa hora a gente descobre como é ser o alvo da polícia. O “tenente” rompe o silêncio ao perguntar quem é o responsável por aquele ambiente, a coordenadora se encontrava no meio do refeitório e apresenta-se com uma voz trêmula, era perceptível o estado de pânico dela quando questionada sobre a função daquele espaço. O Policial lhe pede a ficha de cadastro da Valentina. Agora com a voz embargada, a coordenadora informa não possuir nenhum cadastro dos usuários, devido ao pouco tempo de funcionamento do equipamento, recém-inaugurado pelo prefeito, os computadores ainda não teriam sido instalados. Mais uma vez as interrogações do policial soavam de forma abusiva:

Como é que um recinto como esse, funciona com um bando de delinquentes sem nenhuma informação sobre eles? (Tenente)

Insatisfeito, ele dirige-se ao Lucas (companheiro de Valentina) e lhe pergunta o que a teria motivado para esfaquear uma mulher no meio da rua. Lucas conta como teria ocorrido o assédio sexual na frente da sua companheira, causando-lhe ciúmes e fúria. O “Tenente”, para manter sua soberania diante das pessoas em situação de rua, põe a mão sobre sua arma presa na cintura e grita:

Hoje eu vou dispensar ela porque eu quero! Mas na próxima vez, eu vou dá um pau¹⁷ nela que não tem quem me tire, vou

¹⁷Dá um pau: Agredir fisicamente, dar uma surra.

quebrar ela todinha, pra acabar com essa valentia dela, ela só é valente assim porque nunca levou um pau meu. (Tenente)

Lucas permanece tácito, sem demonstrar nenhum receio nas árduas palavras que acabara de ouvir. Antes de sair do local, o “tenente” despótico, segura Eloá pelo braço e pergunta:

Tu me conhece? Tu me conhece? (Tenente)

Eloá temerosa diz: “Não!”. Ele sai da convivência deixando as marcas indeléveis do seu autoritarismo. Algum tempo depois, Eloá me revela que já havia levado um pau dele, quando foi presa em flagrante depois de realizar um furto. Conta que chegou a ficar três dias internada na Santa Casa de Misericórdia após o espancamento, e desde aquele dia sentia dores no corpo só de lembrar da tortura a qual foi submetida para contar onde escondera o objeto furtado.

Na rua quando a gente apanha da polícia, a gente nega! Se não, a gente apanha de novo! (Eloá)

Diante dessas situações, por questão de proteção e segurança, é necessário que as vítimas desconheçam seus agressores, essas estratégias inerentes à própria rua, são rapidamente adquiridas e repassadas para o grupo, no intuito de garantir a própria sobrevivência. Essa ação truculenta cometida pela polícia é mais recorrente no período noturno, já que os indivíduos possuem hábitos notívagos.

Valentina, agora com um sorriso largo estampado no rosto, sai do banheiro penteando os cabelos e relatando o “corre de ganso”¹⁸ para os demais indivíduos do grupo. Logo após o jantar, ela retorna ao banheiro e retira a faca que estava escondida atrás da descarga do vaso sanitário e regressa para as

¹⁸Corre de ganso: falhar na ação.

ruas, nos comprovando que “a mulher isolada é alvo fácil de qualquer tipo de sujeição e dominação física ou de qualquer outra ordem” (VIEIRA, 1992, p. 58).

Perfil da População em Situação de Rua

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social brasileiro, a denominação População em Situação de Rua:

Parágrafo único: para fins deste decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Desse modo, vemos essa população caracterizada por pessoas que se utilizam dos logradouros públicos e edificações abandonadas como moradia.

No entanto, se pudermos observar profundamente essas definições de modo crítico diante da sociedade, podemos dizer que essa população é o reflexo de um sistema econômico que marginaliza e subjuga indivíduos tornando cada vez mais difíceis as perspectivas de ascensão social de cada um.

Portanto, de forma mais abrangente, consideremos como definição as palavras de Costa (2005 p. 3) que denomina população em situação de rua como sendo:

Grupo populacional heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que têm em comum a condição de pobreza absoluta e a

falta de pertencimento à sociedade formal, são homens, mulheres, jovens, famílias inteiras, grupos, que têm em sua trajetória a referência de ter realizado alguma atividade laboral, que foi importante na constituição de suas identidades sociais. Com o tempo, algum infortúnio atingiu suas vidas, seja a perda do emprego, seja o rompimento de algum laço afetivo, fazendo com que aos poucos fossem perdendo a perspectiva de projeto de vida, passando a utilizar o espaço da rua como sobrevivência e moradia.

Um infortúnio atingiu o projeto de vida da Valentina, causando alguns rompimentos de laços afetivos. Ela saiu do seio familiar e da sua terra natal, chegando nas ruas do Centro de Fortaleza. Um dos motivos que a trouxeram foi a separação de seu primeiro companheiro devido ao seu uso abusivo de drogas, levando-a a cometer assaltos à mão armada e pequenos furtos na sua cidade natal localizada no sertão da Paraíba. Em uma madrugada, quando ela retornava de uma “bocada¹⁹” depois de ter feito uso de crack, surpreendeu-se com dois sujeitos armados que a esfaquearam, deixando-a entre a vida e a morte. A tentativa de homicídio estava relacionada com um assalto cometido por ela horas antes a um motorista de caminhão. Após receber alta do hospital, onde passou por uma delicada cirurgia no estômago, fugiu para Fortaleza ainda com o abdômen suturado, trazendo apenas uma sacola com algumas peças de roupas e alguns objetos de higiene pessoal. Sem local certo de moradia, nem familiares para ampará-la, ela abrigou-se nos bancos da Praça do Ferreira, vindo posteriormente fazer parte do contingente social que vive em situação de rua e extrema pobreza.

Assim como Valentina, milhares, por alguma razão, encontram refúgio nas ruas. As histórias se entrecruzam por

¹⁹Bocada: Ambiente utilizado para o comércio de drogas.

diversos motivos, sejam eles: o egresso das casas de privação provisória de liberdade, os rompimentos familiares ou de algum laço afetivo, o uso de substâncias entorpecentes, demarcação de território, ameaças de morte, o desemprego, dentre outras.

Em Fortaleza, de acordo com pesquisa realizada no ano de 2015 pelo Centro de Treinamento e Desenvolvimento da Universidade Federal de Fortaleza (CETREDE), com a coordenação da SETRA (Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Fome) e em parceria com o Fórum da Rua, existem aproximadamente 1.718 pessoas morando nas ruas. No entanto, são poucas ou quase nulas as políticas públicas que se apresentam como proposta para a solução definitiva da situação relatada, uma vez que os abrigos temporários, a exemplo dos Centros de Convivências ou Pousadas Sociais, são insuficientes para atender toda a população existente.

No caso específico da pessoa estudada, o seu ingresso é explicitamente proibido nos locais de assistência a população em situação de rua, chegando a ter seu nome exposto em cartaz na portaria e ordem expressa para os seguranças proibirem sua entrada. Devido às transgressões, agressões físicas e desacato aos profissionais que atuam na rede da assistência social. Dessa maneira, a assistência social desistiu de ajudá-la, registrando diversos boletins de ocorrências contra ela, fortalecendo cada vez mais a sua identidade negativa.

No leque do que são as políticas sociais, a educação ocupa um local preponderante. Os investimentos públicos para a educação referem-se especialmente a educação formal, enquanto a educação informal é relegada ao segundo plano. Consideramos como educação informal, todas as práticas desenvolvidas em espaços não escolares, seguindo essa perspectiva teórica, Brandão (2007 p. 7) salienta que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender -e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Todos os dias, estamos envolvidos em processos educativos nos mais diversos espaços, sejam eles institucionalizados ou não. A rua oferece múltiplas oportunidades educativas constituídas nos códigos morais e éticos que mediam as relações dos indivíduos e as organizações de espaços. Desse modo, Nassif *apud* Libâneo (2004, p.90) define a educação informal da seguinte forma:

O processo contínuo de aquisição de conhecimentos e competências que não se localizam em nenhum quadro institucional, acrescentando ainda seu caráter não-intencional. O mesmo autor utiliza-se do termo “funcional” para identificar práticas educativas decorrentes da impregnação do meio ambiente perante o qual os indivíduos precisam adaptar-se. Entendemos, todavia, que o termo “informal” é mais adequado para indicar a modalidade de educação que resulta do “clima” em que os indivíduos vivem, envolvendo tudo o que do ambiente e das relações socioculturais e políticas impregnam a vida individual e grupal.

Portanto, o contexto da vida de Valentina e suas práticas produzem efeitos educativos, tornando-a uma educadora infame, seus conhecimentos adquiridos com as vivências na rua, modos de pensar e atuar fazem parte dos processos educativos informais. A perspectiva da educação informal possibilita um novo olhar sobre as práticas educacionais, perpassando

os ambientes formais e institucionalizados, ressaltando as intervenções educativas que ocorrem por meio de conhecimentos prévios. Por essa razão, busco compreender os processos educativos desenvolvidos pela população em situação de rua, recorrendo ao aposto teórico disposto em Libâneo (2004, p.73):

A educação tem, de fato, uma função adaptadora. Há vínculos reais entre o ser humano que se educa e o meio natural e social, há um certo grau de adaptação às exigências desse meio. A educação é, também uma prática ligada à produção e reprodução da vida social, condição para que os indivíduos se formem para a continuidade da vida social.

Partindo das assertivas apresentadas pelo autor, pontuo a função adaptadora da educação dentro do processo educativo na cultura de rua, onde os indivíduos necessitam adaptar-se às exigências desse meio para garantir sua sobrevivência dentro dos grupos. De acordo com Geertz (2008), alimentar a ideia de multiplicidade de costumes no tempo e no espaço, não é simplesmente uma questão de aparência, de cenários e máscaras, é também alimentar a ideia de que a humanidade é tão diversificada em sua essência como em sua expressão. Desse modo, são essas variabilidades de costumes construídos nos grupos que estabelecem os códigos morais da cultura de rua e as estratégias educativas.

Contudo, as práticas observadas nas vivências e histórias infames de Valentina, afetam e influenciam o desenvolvimento educacional das pessoas em situação de rua. Logo se faz necessário e inevitável classificá-la como educadora infame. Para além disso, cabe sistematizar os conhecimentos apreendidos culturalmente a partir dos códigos morais utilizados nos grupos da população em situação de rua. Com base nesta con-

cepção, presumo que o referido estudo seja um campo pouco explorado a partir dos espaços de saberes, vivências, experiências educativas e produções que restabelecem a ordem das coisas.

Considerações finais

Os resultados revelam as contribuições de uma educadora infame forjada na cultura das ruas, ao desenvolver práticas educativas dentro de um ambiente de perdas, autodestruição e miséria. A valentia da Valentina é uma reprodução da violência sofrida, construída diariamente e utilizada como mecanismo de proteção e segurança.

Conforme expresso em Foucault (2016, p.284):

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca é o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão.

Por estar incluída nessa rede, é evidente que Valentina reproduza os infortúnios sofridos através de estratégias que garantam o seu existir, onde sobrevive o mais forte e prevalece a justiça popular.

Contudo, Valentina é uma educadora infame forjada nas ruas, sem feitos de glória, sem reconhecimento social. Habitando no submundo do Centro de Fortaleza constrói um legado de práticas educativas fortalecendo a cultura de rua.

Referências

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa (Org). *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez, 1999.

LOBO, Lilia Ferreira. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008

SOUSA, Elizeu Clementino (Org). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2006.